



PAULO FREIRE COMO PRECUSSOR DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO CAMPO EDUCACIONAL DO BRASIL

Alessandro Gomes de Sousa, Roberto Francisco de Oliveira



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p3652-3663>

Artigo recebido em 25 de Julho e publicado em 25 de Setembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Já se integraram à educação contemporânea as chamadas Metodologias Ativas. Tratam-se de estratégias pedagógicas onde o aluno participa ativamente das construções e execuções do ensino-aprendizagem. Essas Metodologias são muito recentes em sua nomenclatura, porém, enquanto prática, foram antecedidas por teóricos que, embora não as tenham designado formalmente como Metodologias Ativas, fizeram abundante uso de seus pressupostos. Esse é o caso do pedagogo Paulo Freire aqui no Brasil. Quando o mesmo desenvolve o protagonismo do estudante, o regime de mediação aplicado ao docente e uma educação de cunho problematizador, acaba por se antecipar aos elementos específicos das Metodologias de caráter ativo.



INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o processo de aprendizagem vem se desenvolvendo e abrindo novos formatos e métodos cada vez mais inovadores junto ao ensino, buscando formas mais transparentes e filtradas em relação ao aprendizado. Com a nomenclatura “metodologias ativas”, esse artigo fará enfoque especialmente em Paulo Freire e suas metodologias ricas no processo de disseminação de conhecimento, reconhecendo que o mesmo acena para o emprego desses métodos. Freire como que inaugura e aplaina uma estrada que permite a passagem dessas novas metodologias pedagógicas, embora a sua época ainda não tenha implementado com rigor esses elementos educacionais. O intuito aqui é esclarecer e pautar situações relacionadas às linhas de pesquisa que as metodologias ativas para Freire são fundadas em uma direção que culminará no emprego dessas metodologias do futuro. Quando nosso autor define que o aluno seja o sujeito em destaque no processo de aprendizagem, tornando-o como o principal consciente e transformador social, ele acaba por introduzir a urgência de um tratamento pedagógico que rompa com o passado. O mesmo se diga ao dispor do mecanismo da mediação como função primordial docente. E, mais ainda, quando põe em relevo o diálogo como meio de problematizar a realidade. Mesmo que Freire não se tenha apropriado do termo “metodologias ativas” seus princípios pedagógicos e modernos foram fundamentais para sua implementação.

No primeiro capítulo abordaremos o protagonismo do aluno, onde ele deixa de ser apenas um mediador em busca do saber, tornando-se a figura principal para elaborar e apreender o conhecimento. O segundo capítulo focará no papel do professor como um mediador do saber, apresentando o papel imprescindível do mestre enquanto mediador, rompendo definitivamente com o modelo tradicional que polarizava o professor como aquele que ensina e o aluno como aquele que aprende. No terceiro capítulo será abordada a problematização da educação. Para Freire, o conhecimento pelo conhecimento é algo estéril à vida e se ofusca na inépcia educativa. Uma educação basilar tem que instigar o educando à transformação das estruturas dominantes e opressoras. É uma educação para a libertação.



1. PROTAGONISMO DO ALUNO

Para Freire, o aluno é a figura principal no ambiente escolar, pois ele deve ser o mediador do seu próprio conhecimento e estar sempre buscando o saber. Diante disso, Freire desenvolveu diversas teorias de aprendizagem para que surgisse o interesse e despertasse no aluno uma incessante busca do conhecimento e que ele se interesse em novas áreas e buscas para desenvolver-se intelectualmente. Uma das diversas teorias é a conscientização e ter ação transformadora, ou seja, o aluno deve assumir um papel mais ativo tanto dentro como fora da escola, ou seja, ele mesmo seu próprio receptor de conhecimento mais especificamente na base do diálogo.

Conforme uma entrevista feita a Paulo Freire (2001) sobre o envolvimento do aluno na participação educacional, o teórico ressalta a importância fundamental do educando no processo ensino-aprendizagem.

Entrevistador: Como os alfabetizados deveriam ser envolvidos? Paulo Freire: Sendo ouvidos nas suas expectativas, apresentando propostas, avaliando as experiências existentes (oficiais ou não). Acredito que está na hora de os alfabetizados tomarem a palavra. (2001, p.69)

Dessa forma, segundo a concepção freiriana o educando goza de prerrogativas que devem ser ouvidas e exploradas no processo educacional. Cada estudante traz em si uma bagagem cultural e existencial que interfere diretamente nos espaços escolares e não escolares. Assim, o educador precisa aguçar essa sensibilidade que percebe o educando como um ser dotado de capacidades que precisam de atenção.

O educador estabeleceu, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia em que tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem. Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, na qual não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. (Freire, 2015, p. 28)

Para que haja uma percepção clara do protagonismo do aluno na construção da educação, o professor precisa ter uma consciência amadurecida das qualidades de quem ele acompanha. Ele deve crer e apostar no potencial do aluno, incentivando o mesmo a sempre avançar. Combatendo as premissas abaixo:



O professor “deposita” o saber e o “saca” por meio do exame. Define-se aí uma relação de verticalidade (o saber é doado de cima para baixo) e de autoritarismo (quem sabe manda). Fica assim caracterizada a passividade do educando, tornado objeto, e o paternalismo do educador, único sujeito do processo. (Aranha, 2012, p. 367)

Para que se estabeleça o protagonismo do aluno é fundamental que se solidifique uma parceria empática entre educador e educando, pois, de um lado, o educando necessita de contínuo incentivo para sua evolução na aprendizagem e, de outro lado, tal crescimento somente se consolida com o aval paternal do educador, que sabe reconhecer os talentos inerentes de quem acompanha.

Diante do exposto, percebemos claramente que o escopo freiriano de educação repele com veemência as antigas teorias educacionais segundo as quais o papel do aluno no processo educacional era totalmente passivo e sujeito a regulações externas.

Freire constrói uma pedagogia voltada para âmbitos diferentes, privilegiando a figura do educando e enaltecendo-a supremamente no ambiente escolar. Reverbera nos escritos freirianos o indicativo que o estudante precisa necessariamente se envolver na construção da educação, sob pena de não se estar elaborando um roteiro educativo. “Educador e educandos (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento”. (Freire, 2013b, p. 58)

Não há, portanto, nenhuma possibilidade, dentro do horizonte educacional traçado por Paulo Freire, de manutenção de hipóteses ou teorias educativas que minimizem ou invisibilizem a importância do estudante como sujeito ativo e definidor da educação. É nesse sentido que podemos falar em protagonismo do estudante na esfera educacional. Esta só se entende como intercessão de vários agentes onde o aluno ocupa um lugar privilegiado.

Essa concepção derivada do conjunto das obras de Paulo Freire goza de ampla atualidade, desde a sua concepção por parte do autor, até as mais recentes abordagens contemporâneas sobre a educação. Isso demonstra a atualidade de Freire que se enraíza em todos os meandros do edifício educacional. Educar é primeiramente e essencialmente lidar com a valorização do educando, seja ele quem for, venha ele de onde vier.



2. PROFESSOR COMO MEDIADOR

Uma das ideias irrenunciáveis de Paulo Freire foi a da mediação professoral. Era um “adeus” ao modelo tradicionalista de educação, segundo o qual o mestre antevia todo o saber e o aluno passivamente recebia seus lampejos. “O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos” (Saviani, 2012, p. 6). Tal modo se estruturava essa simetria que “Smith compara esta relação entre professor e estudante com o comerciante e suas mercadorias” (Maciel, Sousa e Souza, 2018, p. 58).

Com efeito, Freire evidenciou que o esquema baseado no binômio mestre-aprendiz, tão caro aos tempos pretéritos, dificultava enormemente o processo de construção da autonomia intelectual. De mestres e mestres, o aluno ia galgando degraus na vida sempre na via da dependência.

A emancipação, por sua vez, remete à igualdade, isto é, à igual consideração das inteligências. O professor emancipador abole essa relação de submissão de uma inteligência à outra, estabelecendo, por conseguinte, uma relação de vontade para vontade, isto é, não se trata mais de entupir o aluno com explicações, mas de uma relação de liberdade e de autonomia em que o aluno constrói o seu caminho de aprendizado (Oliveira, 2017, p. 115).

O enfoque, então, é reformulado. O professor se despe de sua arrogância e se horizontaliza junto aos seus tutorandos. Mais do que um canal transmissor de conhecimentos, converte-se em um captador de talentos. Desenvolve uma capacidade aguçada de perceber os valores e dons numa sala de aula, estimulando seus portadores a avançar. Não intimida os estudantes. Atiça, desafia.

Isso não significa dizer que os papéis se invertem, a saber, que o aluno agora passa a orientar sua própria formação e o professor se chancela como mero expectador. Não faltaram intérpretes de Paulo Freire o acusando de subverter, mais do que reformular, os postulados da educação. A educação libertadora, para alguns, é a indicação de que se escolheu para o estudante a liberdade que lhe convém. E há mesmo quem pense que “se um aluno não consegue aprender matemática e língua, mande-o



trabalhar com barro e chame a bobagem que ele fizer de arte e criatividade” (Giulliano, 2017, p. 15).

Não se pode, portanto, postular a função mediadora do professor, dentro das prerrogativas freirianas, como uma espécie de anarquia da aprendizagem, onde o aluno gozasse de direitos ilimitados a ponto de conduzir sozinho seu próprio processo educativo.

De igual maneira, seria injustiçar a mente idealizadora de Freire, acusando-a de impetrar um laxismo na educação, aplaudindo a incapacidade do aluno e permitindo toda sorte de disparate no ambiente escolar. Seria negar a educação, numa palavra: deseducar.

A habilidade do professor-mediador reside exatamente na manutenção de um equilíbrio que pondere os limites cognitivos do aluno com seus talentos inerentes, buscando explorar à exaustão o que se pode produzir com esses elementos. E essa estratégia comporta rigidez e disciplina, não dispensando comprometimento e assiduidade. Apostar na criatividade não significa desmerecer o conhecimento: “Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta” (Freire, 2000, p. 16).

A carga de responsabilidade da adoção de uma pedagogia libertadora, que atribua ao docente um papel mediador, mostra-se mais exigente que a verificada nos modelos mais tradicionais de educação. Para além de ser um simples transmissor de conhecimentos, aqui o professor se vê investido de outros ônus. Precisa ser um direcionador de vidas, ser dotado de uma clarividência psicológica apurada, ser um estimulador de vocações.

Desfaz-se a imagem da bata e dos livros, da cátedra no elevado tablado, da retórica impecável. Assenhora-se agora o olhar perspicaz e a capacidade de pescar inovações consoante a história de vida dos envolvidos. Não é diminuição, mas alargamento do processo ensino-aprendizagem. Não é pauperizar, mas enriquecer sobremaneira o modo de se fazer educação. Não é ultrajar o papel do professor, mas conferir-lhe novas matizes e exigências.

O professor-mediador não deixará de ser um mestre, não deixará de ensinar. Ele aprenderá a ser mestre e aprendiz, transmissor e receptor de conhecimentos e



experiências, sem nenhuma depreciação de sua função de educador. Ele incorporará o novo, conservando a melhor parte do antigo.

3. EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

A partir dos dois primeiros capítulos que tratam do protagonismo discente e da função mediadora docente, inferimos uma educação problematizadora como culminância da teoria educacional freiriana. Problematizar a educação é insurgir-se do que ela era.

Freire adjetiva o modelo tradicional como inerte, empobrecedor e negativo. Trocava conhecimento pelo conhecimento. Não estabelecia nexos com a vida e se fechava nesse círculo vicioso sem volta. Funcionava, infelizmente, como uma forma de assistencialismo. “No assistencialismo não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e ‘domesticação’ do homem. Gestos e atitudes” (Freire, 2015, p. 55).

“Necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (Freire, 2015, p. 85). Eis os indicadores freirianos da real aprendizagem: aprender para decidir, para adquirir responsabilidade social e política, aprender para a vida concreta. Uma “educação” que não se preste a esses afazeres, não serve.

Na semântica freiriana, pululam palavras e expressões como: agentes transformadores, educação para a vida, libertação, conscientização. Em todas elas pulsa o inconformismo, o ideal de mudança, a busca pelo melhoramento. Isso quer dizer que não estudamos para a passividade, para a aceitação piedosa da injustiça externa, para o abaixamento.

O ideal da educação é transformar vidas. Mas vidas sem sucesso, sem estrutura familiar, sem perspectivas ou horizontes. Não se trata daquele aluno suprido da abundância, exalando o bom cheiro da higiene e do corpo bem alimentado e nutrido, afagado de carinhos e atenção, de brinquedos caros. Para essas vidas já se acenam o brilho e a fama. “Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado, livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser... Do seu mundo vem estudo de escola que muda gente em doutor” (Freire, 2013a, p. 63).



É ambição de uma educação transformadora acalantar o negro vitimado, o pobre favelado, o lgbtqiapn+ marginalizado, o autista segregado, o camponês oprimido e todas as classes minoritárias invisibilizadas. É imperativo que suas dignidades sejam restituídas pelo caminho da escola.

Donde se vê que a educação é carregada de uma funcionalidade que transcende em muito o ato de “veicular” conhecimentos. Conhecimentos, diga-se de passagem, nas mais das vezes inertes, infrutíferos e inúteis à praticidade da vida humana. Saberes que não transformam e não fazem efeito no cotidiano das gentes, em especial das gentes carentes e esmagadas por um sistema opressor.

“A consciência crítica nasce de quê? Da possibilidade de o oprimido contemplar, no sentido crítico, a sua obra, e como o produto do seu trabalho se distribui no processo social” (Freire e Betto, 1988, p.29). implica, pois, rebelar-se contra o silenciamento e perseguir a conquista da voz e da vez. Aqui jaz o sentido do educar.

Praticamente em todos os seus escritos, Paulo Freire desmantela a educação bancária, engavetada, artificial. É premente, brada o autor, que o aprendizado seja humanitário, esclarecedor e desemboque no pragmatismo existencial. Quem estuda se assenhora de instrumentos capazes de transmutar sua realidade e a realidade externa e deve fazer uso constante desse arsenal do bem.

E não se trata de uma mudança que visa benefício próprio, uma vez que a proposta freiriana se embebe de um caráter comunitário e universal. O bem para si não passa de egoísmo e de um republicar do que sempre fizeram os poderosos. Esse bem é um mal porque insiste numa estratégia repetida e sem inovações. É um benefício que só atinge um benfeitor.

É por isso que a educação de caráter transformador deve necessariamente ser problematizadora. Não há outra alternativa. Uma vez que a vida é cercada de dilemas e desafios, deve o educar se ocupar em desatar esses nós e criar bases de soluções emancipatórias. E, nesse aspecto, segue o dito kantiano: "Age apenas segundo uma máxima tal, que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal".

Não erra, pois, quem problematiza e desse entroncamento, da vida com seus percalços, perseguir uma sanção. Caso contrário, é se demorar numa condição de esterilidade habitual, onde não se age e se é levado pela correnteza da passividade. O educador não pode permitir correntes e grilhões que o impeçam de emergenciar um



saber que propõe, que problematiza, que move e remove as estruturas inadequadas da experiência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi o pensador norte-americano John Dewey (1859-1952) que revolucionou a educação estadunidense de sua época. Dewey representava uma importante corrente filosófica chamada Pragmatismo. O termo se deriva da palavra *prática* e, aplicando-a à educação, orientou a criação das chamadas metodologias ativas.

Numa primeira abordagem, podemos genericamente definir metodologias ativas como aprendizagem na prática. Seria uma educação *da* e *na* práxis. É o aprender fazendo. Ora, isso é o mesmo que dizer ser o aluno o personagem nucleador dessa proposta pedagógico-filosófica. Mas ele não é o único agente nesse processo. Não existe escola sem professor. Nem sem aluno. Exige-se, pois, um regime de cooperação irrenunciável entre docentes e discentes.

Definindo-se o estudante como *peça* determinante e fundamental, o professor se converte em direcionador, orientando os passos dos alunos e ensejando sua criatividade permanentemente. Essa nova atribuição professoranda não elimina nem menospreza o papel docente. Ao contrário, diríamos que realça outras capacidades antes adormecidas de quem leciona. Que capacidades? A perspicácia psicológica de melhor compreender quem acompanha em sala de aula, o olhar penetrante capaz de apurar os dons e talentos que florescem o ambiente escolar, a sensibilidade de lidar com traços humanos diferentes, valorizando-os.

Esses dois aspectos ligados ao discente e ao docente funcionam como pré-requisito para o estabelecimento de quaisquer metodologias ativas. Daí que, embora muitas delas não tenham sido consagradas por Paulo Freire, infere-se que por meio dele se tornaram realidades. Então, quando falamos de sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos (ABP), estudos de caso, gamificação, aprendizagem entre pares (peer learning) ou outras técnicas educativas, incluímos Freire como uma espécie de patrono desses saberes.

Corroboram os usos dessas práticas pedagógicas para ativar uma revolução estrutural na educação, outra empresa alavancada pelo progressivismo freiriano, cujo



lema é problematizar para transformar. Não uma reforma suave, de verniz, mas um modificar profundo, abalando e demolindo as antigas bases de uma educação estéril, para condicioná-la aos tempos da atualidade que reclamam por novos ares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo, BETTO Frei. **Essa escola chamada vida**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIULLIANO, Thomas. **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa, 2017.

MACIEL, Paulo Henrique Freitas, SOUSA, Antonia de Abreu, SOUZA, Ana Carmita Bezerra de. **Liberalismo e financiamento da educação em Adam Smith**. Revista Labor Fortaleza/CE, jan/jul 2018 Vol. 01, nº 19, pp. 46-62 ISSN 1983-5000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2012. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 5)



**PAULO FREIRE COMO PRECUSSOR DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO CAMPO EDUCACIONAL
DO BRASIL**

Sousa e Oliveira, 2025.